

Bairro onde reina a paz

Antigo recreio dos jesuítas, o bairro ainda conserva locais de clima bucólico

CRISTAL FERRAZ + REPÓRTER

Quem entra na Rua General Argolo, na Baixa de Quintas, não imagina que ali ainda residam famílias antigas da área. A rua onde hoje fervilha o comércio de autopeças começou com uma única loja de eletrodomésticos. O barulho dos ônibus e carros contrasta com o tempo em que as pessoas sentavam em cadeiras nas calçadas pra jogar conversa fora com os vizinhos e visitantes. Tranquilidade à parte, Quintas pode não ser um bairro estruturado como são os seus vizinhos Cidade Nova, Pau Miúdo e Caixa D'Água, mas tem história própria pra contar.

Já no começo do Brasil Colônia, o bairro, que abrangia muito mais do que a estreita área ocupada hoje, era lugar de retiro ou recreio dos jesuítas.

Provavelmente, foi lá, na casa onde hoje funciona o Arquivo Público do Estado, que o padre Antônio Vieira, o maior prosador da língua portuguesa, buscava inspirações para as suas criações literárias. Foi na Quinta dos Padres ou do Tanque que o padre Vieira morou durante muito tempo. Era dessas terras também que saíam as frutas e legumes para abastecer o antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus. Com a expulsão dos jesuítas, a propriedade passou a ser leprosário, daí a denominação Quinta dos Lázaros, a mesma mantida para o cemitério no Largo de Quintas, construído há 209 anos.

O pouco que sobrou das árvores frondosas e castanheiras centenárias da Quinta dos Padres dá o clima bucólico à parte mais alta da Ladeira de Quintas e ao largo do mesmo nome, rodeado por cinco cemitérios, inclusive um israelita que poucas pessoas conhecem. Muito longe dos horrores dos filmes de terror, a brisa que sopra nos cemitérios de Quintas atrai as crianças do lugar. Descalças sobre as tumbas, em cima dos telhados

das capelas ou no chão entre as covas rasas, meninotes empinam arraias, alheios aos gritos dos coveiros que ameaçam expulsá-los do cemitério. Hélio Bispo de Jesus, empregado há 12 anos do cemitério da Ordem 3ª de São Francisco e morador da área, ainda se lembra do bonde que até início dos anos 70 subia até o largo. "Era uma festa a diversão dos meninos", recorda.

"Aqui é um lugar calmo, não tem violência, não falta água", diz o comerciante João Marques Souza Leal, morador da Ladeira de Quintas há 10 anos. Mas quem quer diversão tem que andar. Na falta de um campinho a garotada improvisa jogadas em plena ladeira. "Só tem campo lá na Rua das Almas, mas a gente não gosta de jogar lá, dá encrenca", diz Linsmar Ramos, 15, capitão do Flamengo, fime da ladeira de Quintas. Todo domingo a bola corre solta, mas quem quer diversão pra valer vai buscar nos bairros vizinhos ou em outros *points* da cidade. "De noite a diversão é namorar lá no largo, não tem policial pra xeretar, ninguém incomoda, nem os defuntos", brinca um adolescente. Mas um módulo policial no largo seria bem-vindo, reclamam os coveiros do Quinta dos Lázaros.

Bem servidos de transporte, os moradores de Quintas padecem da falta de clínicas médicas, hospitais e farmácias. "Clínica só tem a Climolab, em Pau Miúdo, uma farmácia na Baixa de Quintas e o Hospital Ernesto Simões Filho", reclama Alvaro Lessa, proprietário de uma funerária. Para quem foi criado no bairro e não pretende sair dali por nada, o bom mesmo é jogar dominó toda tarde com os amigos, no passeio do Arquivo Público, junto à barraca do Andrade. É o caso do veterano João Agripino de Souza, 63, que hoje não se aventura a sair pelas ruas de madrugada. Ainda assim considera o lugar tranquilo pra viver.



O movimentado comércio da Rua General Argolo começou com uma loja de eletrodomésticos



A brisa do cemitério atrai a criançada e o local é o preferido para empinar as arraias